

TESTOS LETRAS DRA

SERGIO
ABRANCHES
**A ERA DO
IMPREVISTO**
A GRANDE
TRANSIÇÃO DO
SÉCULO XXI

COMPANHIA DAS LETRAS

O ensaio

TEMPOS MUTANTES, TEMPOS DIFÍCEIS

O mundo vive conturbada e longa transição. Os modelos econômicos não conseguem mais prever com precisão o que vai acontecer na economia nos próximos meses. Setores que antes indicavam as tendências para o conjunto da economia já não têm esse poder. A estrutura produtiva está em metamorfose. As categorias socioeconômicas e demográficas tradicionais, antes usadas para descrever as populações por idade, sexo e etnia, deixam de fazer o sentido que faziam antes. A sociologia já não consegue explicar os comportamentos sociais, a mudança vertiginosa de papéis sociais. As classes, que antes eram o eixo do conflito social, foram diluídas com o surgimento de novos estratos sociais. As análises políticas não são capazes de prever as explosões de revolta, o confronto armado entre países, nem as consequências da crise de legitimidade da democracia representativa, que tem se agravado. Os modelos meteorológicos não conseguem prever secas, enchentes, nevascas, ondas de calor, que parecem estar se

tornando mais frequentes e mais intensas. O clima está mais instável. Os modelos são muito mais robustos do que eram no passado, mas os eventos tornaram-se mais imprevisíveis. Os sinais deixam de servir de guias confiáveis. Crescem a incerteza e a imprecisão. Como se os semáforos no trânsito falhassem e, vez por outra, na hora do rush não indicassem corretamente o momento de andar e o momento de parar. As marcas desses tempos são a velocidade espantosa da mudança e a imprevisibilidade do futuro. Nesse intervalo entre duas eras, uma que se esgota e a outra que se insinua, as maneiras como aprendemos a lidar com os desafios da realidade não funcionam mais.

Os tempos não estão fáceis para a maioria, por toda parte. Há muito desencanto e desespero. O mundo está em transe. São tempos líquidos, como diz o sociólogo Zygmunt Bauman. Mutantes. Há certo eco de Heráclito nessa ideia de Bauman. Nada é, tudo flui, dizia ele. Talvez a versão neo-heraclitiana apropriada a esses tempos líquidos da grande transição seja nada é estável, tudo é fluxo. A grande transição agudiza os problemas correntes, sem revelar prontamente o mundo que está por vir. Ele é ainda apenas um conjunto de pontos na fronteira difusa do vir a ser. Os sentimentos amargos são típicos dos traumas das transições, pessoais e coletivas. As grandes travessias históricas, que mudam o paradigma civilizatório, são antecedidas por um demorado ciclo de crises e incertezas que aprofunda o pessimismo e alimenta o fatalismo. Como se um impasse civilizatório estivesse nos conduzindo à falência geral das instituições. Vai ganhando terreno a ideia de que estamos fadados ao fracasso ou ao colapso. Há muitas distopias e quase não há mais utopias. Critica-se mais os que parecem utópicos que os distópicos. Visões apocalípticas visitam a mídia social, aparecem no noticiário, nas colunas da imprensa e em numerosos ensaios técnicos com frequência cada vez maior. Os filmes distópicos sobre futuros próximos abundam e fazem sucesso. As catás-

trofes são pintadas como desfecho inexorável. Predomina a visão da tragédia como destino inevitável e mau. Daí vem a negação ou o desalento, o “nada a fazer”.

Fala-se, também, em catástrofe por causa das ameaças que espreitam a humanidade no século XXI, como as mudanças climáticas, a escassez de água, o colapso agrícola, novos vírus mutantes e resistentes, novas tecnologias que permitem construir armas de destruição em massa mais mortíferas e mais difíceis de detectar ou desativar que as tradicionais. A maior parte dessas ameaças é associada à ideia de tragédia para causar medo, esperando que ele provoque ações mais efetivas. Mas o terror de perigos tão mortais e tão difíceis de combater, tão fora do alcance das pessoas, provoca mais negação, ou resignação fatalista, ou corrida desesperada aos prazeres, ou o abrigo em crenças fundamentalistas, do que ação para a mudança.

Vivemos um período no qual o presente nos assombra e domina e o futuro é opaco. Isso embaça nossa visão dos avanços sem precedentes que experimentamos nas últimas décadas. A expectativa de vida média global aumentou de 65 anos para 72 anos entre 1990 e 2013, um ganho médio mundial de sete anos. Nos países mais ricos, esse aumento foi de quatro anos e nos países mais pobres, de nove anos. A distância entre os polos diminuiu, como resultado da melhoria das condições de vida entre os mais pobres. A população urbana global hoje é maior do que a população rural, pela primeira vez na história. Nos últimos dez anos, o número de medicamentos para doenças que antes não tinham tratamento eficaz e de práticas médicas aumentou muito mais do que nos dez anos anteriores. Melhora geral. É verdade que, em paralelo, como registrou o economista Thomas Piketty, a desigualdade aumentou. É típico da grande transição. Ela nos lega um passivo que teremos que resolver a partir das escolhas que faremos de como usar as novas potencialidades criadas pela própria transição e do

uso dos novos ativos que formaremos no futuro. Será mais fácil e mais rápido reduzir desigualdades, se decidirmos coletiva e globalmente fazê-lo, porque já teremos sintetizado a multiplicidade de contradições característica das transições disruptivas. Nesta última década, as redes sociais se expandiram explosivamente, a comunicação móvel se disseminou pelo mundo. As pessoas podem se comunicar no âmbito global, em tempo real. O volume de informação que circula no ciberespaço, a cada hora, não tem precedente de fluxos similares, por outros meios, na história da humanidade. O sociobiólogo Edward O. Wilson diz que estamos nos afogando em informação, mas famintos de sabedoria. É isso.

Como dar sentido a essa vida em turbilhão? Por que as pessoas vivem assombradas pela ameaça de colapso em várias dimensões da vida social que estão muito melhores do que na virada do milênio? As informações e os eventos com carga positiva são rapidamente assimilados e incorporados ao nosso cotidiano. As informações e os eventos com carga negativa persistem por muito mais tempo na memória, como alertas dolorosos de desastres por vir. Mesmo na vida cotidiana é assim. Poucos se espantam ou se maravilham com as possibilidades adicionais da nova safra de aparelhos celulares. Mas é geral a irritação quando a rede celular sai do ar e as pessoas são impedidas de se comunicar, ainda que para coisas sem urgência ou relevância, no momento exato em que assim o desejam. Há uma contradição real entre a quantidade de tecnologia embutida nesses aparelhinhos e as deficiências das redes de provisão dos serviços. Os incidentes incômodos nascidos dessa contrariedade são, não raro, registrados com indignação nas redes sociais como sinais de deterioração da comunicação móvel. Mas é apenas falha de empresas e governos. Embora não haja mais espanto, a quase totalidade dos que têm acesso aos celulares fica semiparalisada e desnorteada quando não pode usá-los. Não sabe mais viver sem eles, tão incorporados estão ao cotidiano. Uma

grande proporção desses usuários depende realmente da comunicação móvel para viver. Virou parte central do seu trabalho. Foi uma revolução, mas a maioria não a vê como tal. A abstinência digital voluntária é vivida como aventura com prazo determinado. Como uma experiência exótica ou um breve período de desintoxicação dos efeitos da conexão permanente e da sobrecarga de informações. Quem se recusa a estar conectado e a portar um celular é visto como excêntrico. Quando falamos com pessoas nascidas digitais sobre os toscos mecanismos de comunicação do passado, como os telefones fixos ou o telex, elas não entendem como nos comunicávamos. E têm razão. A comunicação era menos instantânea, menos completa e menos volumosa. Os que insistem nos danos que o excesso de informação pode causar deixam de considerar que também adquirimos novos e mais eficazes meios de processamento dessa informação. A sobrecarga é filtrada e reciclada, tornando-se manejável, de acordo com o interesse, o desejo e a capacidade de cada um.

As mídias dão mais destaque aos males possíveis das novas tecnologias que a suas virtudes concretas. Fala-se mais dos malefícios presumíveis do tempo cada vez maior em rede, navegando na web ou nos games, em déficit de atenção, em baixo desempenho escolar, do que dos ganhos reais em habilidade motora, aprendizado, sociabilidade, rapidez de raciocínio, capacidade crítica e pensamento estratégico. O potencial educativo e terapêutico dos games é pouco explorado, subestimado na mídia e pouco reconhecido pelas pessoas. O game *Dig Rush*, por exemplo, lançado em 2015, usa óculos estereoscópios (perspectiva 3D) para tratar a ambliopia, o enfraquecimento da visão por redução da sensibilidade da retina. Conheço vários adolescentes que falam e leem bem inglês, aprendido na interação com parceiros globais nos games online e não nos cursos empacotados. Esses games são hiperinterativos, as redes globais se formam durante o tempo online

e o *world English* é a língua franca. Outro exemplo é o das experiências narradas por Nicholas Negroponte, um dos fundadores do MIT Media Lab, com tablets e computadores para jovens estudantes de baixa renda. Formam redes físicas de cooperação para usar todas as possibilidades dos computadores e navegar na ciberesfera, dominando rapidamente pelo menos o inglês básico necessário para navegação mais ampla.

Apesar de sermos habitantes de um mundo em transformação, com numerosos avanços positivos e ganhos significativos de qualidade de vida, possibilidades tecnológicas, sociabilidade, temos mais propensão à distopia que à utopia, ao desalento que à esperança. Sinal dos tempos incertos, das situações ambivalentes, das ameaças que nos espreitam. Diante de eventos positivos e negativos em multiplicação, mesmo que o saldo seja positivo, a tendência é acentuar a soma dos negativos. Esse tempo suspenso entre duas eras, como disse Hermann Hesse, cria em nós uma inquietude, uma doença da transição, uma malaise existencial, que só se dissipará naquele ponto da travessia no qual a velha ordem estará toda no passado e a nova dominará o presente e o futuro.

INTERSTÍCIOS DO TEMPO

A transição é um período que parece existir nos interstícios do tempo, para usar uma expressão do filósofo Emmanuel Levinas.¹ Um momento cheio de contradições, no qual se observam a máxima condensação histórica e, em simultâneo, a ausência de história. Um interregno, como tem dito Bauman. Todo dia emerge um evento inédito, inesperado, que não estava no mapa de previsões. Nossas previsões são lineares. O que projetamos para o futuro é desdobramento do que conhecemos, do que já vivemos.

A mudança pela qual passamos não é linear, nem a continuidade ampliada do que temos. É disruptiva. Caótica. Estamos no limiar do caos, entre a ordem que desvanece e o que aparece como aleatório. Estamos nas fronteiras da máxima complexidade. De máxima densidade histórica, de passado no presente, e ausência de história nos fragmentos potenciais de futuro, já igualmente presentes. Como explica outro sociólogo, Ulrich Beck, nós nos confrontamos com os efeitos e os riscos dessa grande mudança que não podem ser absorvidos, nem resolvidos pelos padrões da sociedade dos quais estamos acostumados a depender. As instituições econômicas, políticas e de proteção social já não são capazes de alcançar os eventos emergentes que apontam para uma nova realidade, cujos contornos não estão ainda inteiramente visíveis.

O historiador Reinhart Koselleck trata dessa variedade de tempos de maneira muito sugestiva. Segundo ele, nesse interstício convivem várias dimensões do tempo, demarcando o espaço temporal de nossa existência, individual e coletiva. Vários estratos do passado combinam-se a parcelas do presente e aos indícios do futuro, no que consideramos “nosso tempo”. Ele denomina essas camadas como passado-presente, presente-passado, presente-presente, futuro-passado e futuro-presente. E essa mescla de tantos tempos no mesmo espaço vital torna quase impossível para nós divisarmos o futuro-futuro.² O vir a ser. Se examinados mais detidamente é fácil ver que o presente, a transição, é dominante nessa combinação de tempos, na qual o passado recente ainda repercute com vigor. O futuro só está visível na iminência de tornar-se presente e passado, mas não como prospecto, como futuro-futuro. O que distingue a grande transição é que essa fusão de camadas do tempo se dá de forma extremada. Nesse amálgama do entretempo, a dessemelhança entre elas também é extrema, aprofundando as contradições. O passado-presente e o presente-passado já não têm fontes de movimento. O presente e o futuro-presente estão

em aceleração crescente. Koselleck argumenta que essa simultaneidade cronológica de fatos econômicos, sociais e políticos assíncronos provoca situações de conflito cujas tentativas de solução, quando comparadas com os tempos passados, são experimentadas como aceleração ou, em outras palavras, como crise.³

Toda grande transição se manifesta inicialmente como crise, no sentido enunciado por Gramsci, quando fala do *interregnum*. Bauman equiparou, em entrevista de 2014, esses tempos líquidos ao intervalo típico da transição descrito por Gramsci: “Estamos em um interregno. [...] Gramsci atualizou a ideia de interregno para definir uma situação na qual os velhos modos de fazer as coisas já não funcionam, mas as formas de resolver os problemas de uma nova maneira efetiva ainda não existem ou não as conhecemos.”⁴ Em entrevista ao jornalista Marcelo Lins, no programa *Milênio*, na Globonews, Bauman estendeu-se mais sobre essa ideia:

Este século é muito diferente do século xx. [...] No “interregno”, não somos uma coisa nem outra. No estado de interregno, as formas como aprendemos a lidar com os desafios da realidade não funcionam mais. As instituições de ação coletiva, nosso sistema político, nosso sistema partidário, a forma de organizar a própria vida, as relações com as outras pessoas, todas essas formas aprendidas de sobrevivência no mundo não funcionam direito mais. Mas as novas formas, que substituiriam as antigas, ainda estão engatinhando. Não temos ainda uma visão de longo prazo e nossas ações consistem principalmente em reagir às crises mais recentes, mas as crises também estão mudando. Elas também são líquidas, vêm e vão [...].⁵

A crise se caracteriza pelo fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não tem condições de se impor. Nesse interregno,

diz Gramsci, uma grande variedade de sintomas mórbidos aparece. Mas a morbidade, é preciso esclarecer, diz respeito à ordem decadente, não às perspectivas de futuro. Esse é o ponto crucial. As doenças pertencem ao passado, não ao futuro. Este só desenvolverá seus próprios males quando for presente-presente.

O momento histórico parece parado nesse interstício de tempos. É como se a história fosse interrompida em seu movimento, à espera de uma direção mais clara. Mas, de fato, o mundo não para de mudar. Nunca mudou tanto e tão rapidamente. O fluxo histórico é ininterrupto e veloz. Do “lado de cá” do tempo, o nosso presente, as instituições continuam respondendo a forças evanescentes ou decadentes. Do “lado de lá” da história, depois da história já vivida, grandes transformações científicas e tecnológicas acontecem, novas forças emergem, e começam a se desenhar novos modos de organização societária. Essas são as forças que movimentam o mundo. As “do lado de cá” alimentam as crises. Mas, enquanto permanecem processos simultâneos cronologicamente, em que o momento histórico parece suspenso numa crise sem fim, o novo é visto como reflexo do passado ainda presente, do presente já passado que remanesce, do que ainda é, o presente do presente. A aceleração do lado novo de nossa história presente e a inércia de nosso passado em exaustão são sempre uma questão de perspectiva, que “extraí sua evidência da comparação entre gerações contemporâneas”,⁶ convivendo em um espaço comum, mas experimentando combinações muito distintas desses tempos históricos assincrônicos. Suas vidas se dão ao mesmo tempo, no sentido cronológico, mas estão em planos muito distintos, no sentido dos tempos históricos. O mesmo se pode dizer dos processos estruturais da grande transição. Os vários elementos da dinâmica presente da vida social (econômica e política) se dão em simultâneo, cronologicamente, mas em direção contrária, historicamente. Umas vão se transformando em coisa passada, outras

vão amadurecendo como parte do presente-futuro. O velho ainda não está identificado como passado, porque ainda é parte do passado-presente. O novo não é visto como o que de fato é, um elemento do futuro, o futuro já presente. Esse intervalo não é o “fim da história”. É o fim de uma era histórica e o início de outra.

Há uma dualidade nas transições, na sua natureza estrutural: o presente é o que é e é estranho a si mesmo, parafraseando Levinas. O presente é o agora e seu passado e o agora e seu futuro. Nos tempos normais — de amadurecimento da ordem já estabelecida — o agora se parece com o seu passado e o seu futuro. Nos tempos da grande transição, o agora é muito diferente do seu passado e mais diferente ainda de seu futuro. Há um estranhamento entre as estruturas presentes — institucionalizadas — de uma face e as estruturas emergentes — desorganizadas ou caóticas — de outra. Dá-se uma dinâmica disruptiva na relação contraditória entre os dois momentos cronologicamente unidos e historicamente dissociados da transição, a decadência e a emergência. Esse “por enquanto”, essa transição, mostra uma fissura entre ser o que presentemente é e sua essência claramente transicional, portanto, mutante, de ser que vem a ser. Esse encontro entre o que é e o que será projeta uma sombra que mascara a conjuntura e os próprios sinais da nova ordem emergente. “A iminência do futuro perdura por um instante desnudada da característica essencial do presente, a evanescência.”⁷ Vive-se a multiplicidade de tempos formados por conjunturas e movimentos da história em processo. Levinas tem razão ao dizer que não há lugar para o fado na vida, para o destino fora de nosso controle, alheio às nossas escolhas. Sempre somos a síntese de nossas escolhas. O conflito entre liberdade e necessidade na ação humana aparece como seu reflexo: quando a ação já está afundando no passado, o ser humano descobre os motivos que a faziam necessária. O mesmo não é verdade sobre a ação que pertence ao mundo emergente. Não há essa consciência

e nem mesmo a apreensão de que a reorganização da existência requer ação e, portanto, escolhas, no momento mesmo de maior incerteza. Mas o futuro resultará do entrelaço entre essas escolhas e de sua interpretação com o movimento tectônico.

A grande transição marca uma era de incerteza e mudança vertiginosa e sem rumo estabelecido. Pode-se, no máximo, captar tendências virtuais, incipientes, que vão ou não se concretizar no futuro. Dependerá de escolhas coletivas a serem feitas e das consequências inesperadas de escolhas que já fizemos. Como adverte Koselleck, a experiência singular é irrepetível. Mas pode ser elaborada, buscando-se os motivos que perduram em médio ou longo prazo e que, ao persistirem, podem ser repetidos. Difícil identificar o persistente em um tempo fluido, mutante, que produz frequentemente eventos inesperados e singulares. Como notam a filósofa Déborah Danowski e o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, “o futuro próximo, na escala de algumas poucas décadas, se torna imprevisível, senão mesmo inimaginável fora dos quadros da ficção científica ou das escatologias messiânicas”.⁸ As organizações, as regras, o conhecimento tornam-se instáveis, se liquefazem, como observou Zygmunt Bauman. Nada está dado. A crise da ordem estabelecida é plenamente visível, a saída não está clara, as sementes em germinação da nova ordem são, muitas vezes, confundidas com ervas daninhas ou vistas com desconfiança e medo. São tempos de medo, como disse Bauman, portanto de muita negatividade. Há uma propensão natural a negar o que se teme muito e o que não se sabe como resolver. A dificuldade em vislumbrar o novo e promissor, em meio a tanta crise, tem muito a ver com nossa percepção do mundo, fortemente condicionada por nossa consciência da continuidade, como lembrou o escritor Milan Kundera. Essa compreensão histórica da continuidade é tão forte que tendemos a imaginar que seguiremos pelos caminhos conhecidos, logo que ultrapássemos esse ínterim de dúvida e crise. Todavia, como observa Kundera,

com o avançar do processo de transição, as pessoas “começam a entender que não morrerão no mesmo mundo em que nasceram”.⁹ O futuro é aberto e ilimitado, define Koselleck.

É um tempo de muitas dúvidas e poucas respostas. De espanto das pessoas ao não conseguirem mais estabelecer um vínculo que faça sentido entre o seu presente e o seu passado, já na entrada do futuro que não conseguem ver com nitidez. Como seres da transição, rejeitamos todos os padrões, desestabilizando, cada vez mais profundamente, nossos marcos de referência cultural.¹⁰ É tempo de paradigmas que ruem, sem que os novos paradigmas emerjam com suficiente clareza, para nos permitir responder ao que os modelos mentais e científicos superados não podem responder. É da natureza do paradigma maduro, no ápice, na proximidade de seu ocaso, ter as respostas para todas as questões que lhe são postas em seus próprios termos. Isto é, de acordo com as regras e os padrões do próprio paradigma. Mas é também da sua natureza nesse clímax não ter resposta alguma para qualquer questão que lhe seja posta fora de seus termos, fora de seus limites cognitivos, fora de seus padrões e de suas regras. Não significa que a indagação esteja errada, significa que a resposta não pertence ao acervo de conhecimentos acumulado por aquele paradigma ou modelo. O sociólogo Edgar Morin interpreta essa limitação dos paradigmas como uma crise cognitiva, parte da macrocrise planetária. Prefiro ver como um momento de perplexidade no processo disruptivo de passagem de um padrão de conhecimento para outro.¹¹ De troca de paradigmas.

Não existe nada na nossa experiência que nos permita responder aos desafios singulares com que nos deparamos a cada novo dia. Essa falta de respostas costumeiras nos incapacita para desenvolver expectativas progressistas que nos indiquem a direção do novo. O caminho do conservadorismo e do reacionarismo é mais fácil, porque é reativo e menos reflexivo. As alterações

bruscas e recorrentes de nosso cotidiano forçam os que mantêm a mente aberta a abandonar os comportamentos e as respostas habituais. Abrimos, dessa forma, novas vias, que desorganizam o fluxo conhecido de nossa vida. Ao termos que refletir sobre essas novas condições em busca de novos padrões de respostas às partes novíssimas de nosso cotidiano, alteramos comportamentos, pontos de vista e nossa consciência deles, tornando-nos parte e agentes da grande transformação.¹²

As expectativas construídas diante apenas dos elementos do futuro já presente não adquirem de imediato a credibilidade necessária para emular escolhas coletivas de saída e avanço mais coerentes. O progresso, contudo, é sempre possível, ainda que fora dos limites da ordem vigente. Essas singularidades, típicas desse momento da grande transição, liberam irreversivelmente forças que estavam represadas e que levam a rompimentos.¹³ Ao final, quando a transição passa seu ponto de ruptura e a nova ordem se instala completamente, o mundo visível vai perdendo suas condições de viabilidade e o mundo que surge não é mais uma utopia ou uma especulação entre a ciência e a ficção. Nesse ponto, as expectativas que têm fundamento no novo adquirem poder de orientar a ação coletiva. Mas, enquanto o que continua visível e real para nós é o mundo que se esvai e o novo mundo permanece ainda invisível, vivemos perplexos cada salto no processo de mudança. “Vivenciamos rupturas experienciais num ritmo que nunca foi registrado dessa forma”,¹⁴ lembra Koselleck em outro contexto, mas também tratando de transições. Essas rupturas acabam por determinar a “total alteridade” do passado em relação aos processos de mudança presentes e os traços já manifestos do futuro. Dito de outra forma, a conexão entre passado e futuro vai se desfazendo radicalmente. Com a sucessão de saltos, o espanto cede lugar à conveniência, nos acostumamos a eles e nos adaptamos a essas rupturas locais cada vez mais frequentes, que banali-

zamos ou rotinizamos. Continuamos, todavia, incapazes de ver nelas os vestígios do novo mundo que emerge no horizonte brumoso do futuro que será. Mas a emergência avassaladora de experiências novas termina por solidificar a vivência básica da transição,¹⁵ alterando nosso comportamento, nossas escolhas, e consolidando nossa consciência da mudança. Assim, a ação coletiva baseada em escolhas encadeadas no tempo e as surpresas do inesperado, entre elas as consequências não antecipadas dessas escolhas, vão dando forma ao futuro.

A revolução nas comunicações, com a ampliação exponencial da capacidade de interações virtuais e do volume de informação em tempo real, associada ao continuado aumento de nossa capacidade de incorporá-las ao nosso cotidiano, determina o que Bryan D. Jones chamou de paradoxo do processamento de informações.¹⁶ Esse paradoxo centra-se no fato de que os humanos e suas organizações processam as informações dos vários ambientes em que circulam e agem com base nelas. Mas os humanos não reagem imediatamente porque precisam filtrá-las, interpretá-las e decidir a estratégia apropriada para agir a partir desse processamento. Em consequência, os humanos são “processadores desproporcionais de informação”, que transformam mensagens objetivas pelo pensamento. O resultado são reações distintas ao mesmo dado objetivo, dependendo do contexto no qual a informação é absorvida. Há, portanto, um descolamento entre o que é observado e o que é interpretado, e, na maioria das circunstâncias, as estratégias pessoais se diferenciam. Não é possível, ainda, determinar os fatores que provocam diferentes reações a informações idênticas, nem que mensagem detonará que reações. Daí a imprevisibilidade das ondas de indignação e revolta, por exemplo. Mais importante ainda, a impossibilidade de prever, a partir das escolhas coletivas presentes, o cenário futuro que contribuem para desenhar. A revolução digital aumenta o

contágio, enquanto aumenta a velocidade de reação em tempo real de grande volume de pessoas e a diversidade de respostas e estratégias por elas imaginadas. O “sistema social” ganha duas dimensões interdependentes, uma “física” e outra “virtual” ou “digital”, a socioesfera e a ciberesfera. A interação entre as duas já se tornou decisiva em nossa vida.

Nesse meio-tempo, em que o novo arranjo de macroestruturas está em emergência, a indeterminação e a imprevisibilidade aumentam. Ampliam-se as margens de escolha e ação dos indivíduos e, portanto, de conexões entre suas ações, acelerando mudanças locais e globais. O psicólogo R. Keith Sawyer lembra, a propósito, na sua análise da “emergência social”, que, nos sistemas sociais, as partes, os indivíduos contêm elementos dos macropadrões emergentes, diferentemente de todos os outros sistemas complexos. Somos “agentes cognitivos”, capazes de entender e explicar nossas ações, o que torna a comunicação parte central do processo de determinação do comportamento social, por meio de cooperação e conflito.¹⁷ E essa interação baseada na comunicação se dá nas duas dimensões do sistema, a socioesfera e a ciberesfera. Isso significa que as comunicações e as interações entre os indivíduos e os grupos, como agentes da mudança, têm papel central na determinação da emergência social, do nascimento de novos padrões macrosociais. As estruturas não explicam tudo, principalmente nas grandes transformações. Nesse processo, surgem padrões emergentes que se mostrarão efêmeros e padrões emergentes que se provarão duráveis. Todos esses fatores explicam a relativa indeterminação da sucessão de conjunturas de transição, a qual dificulta muito a análise mais precisa de tendências de longo prazo. Por isso é mais difícil alongar o olhar para o horizonte mais distante do futuro e maior a probabilidade de surpresas do inesperado.